# Os sócios duvidosos do BNDES

Banco é questionado por se associar a empresas endividadas e pela falta de clareza nas informações. Problema pode motivar CPI na Câmara

Natalia Gómez, de São Paulo

Muito além de um banco de fomento, o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) é hoje um dos principais agentes da economia brasileira e seu tamanho supera o Banco Mundial em volume de financiamentos. Ao alcance do BNDESPar, seu braço de participações acionárias, está todo o poderio do setor de celulose, de frigoríficos, e fatias de grandes negócios, como os do empresário bilionário Eike Batista, além de uma extensa lista de gigantes.

A coetar pelo tamanho, sua envergadura impressiona. Mas quando o tema é a qualidade e o retorno dos seus investimentos, a atuação do banco não corresponde à sua magnitude e suscita dúvidas e críticas sobre seus critérios de alocação, custeados por dinheiro público – recursos do Tesouro Nacional e do FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador).

Hoje, estão sob os holofotes alguns exemplos de negócios polêmicos realizados pelo BNDESPar. Um dos debates envolve o apoio dado pelo BNDES ao frigorífico Marfrig, em uma conta que pode custar caro para o banco e para a sociedade. O assunto gerou pedidos de esclarecimentos na Câmara dos Deputados, pelo MPF (Ministério Público Federal) e pelo TCU (Tribunal de Contas da União).

A Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público da Câmara dos Deputados convocou o banco e a Marfrig para uma audiência pública em 18 de dezembro do ano passado. Como nenhum deles compareceu, o encontro foi cancelado. O presidente da Comissão, deputado Sebastião Bala Rocha (PDT-AP), informou que os parlamentares analisam a possibilidade de iniciar a coleta de assinaturas para instaurar uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) sobre o caso.

Rocha também informou que tentaria um contato com o presidente do banco pessoalmente ou via teleconferência, ainda em dezembro. Estavam presentes na audiência integrantes do TCU e da CVM (Comissão de Valores Mobiliários).

O desconforto do mercado também se explica pelos resultados ruins da empresa, comandada por Molina, seu fundador. Desde sua abertura de capital em 2007, a Marfrig fez cerca de 20 aquisições no país e no exterior, incluindo a Seara, as que elevou seu endividamento muito além de níveis considerados saudáveis. Hoje, a dívida líquida da companhia está em R$ 9 bilhões.

Sua governança corporativa também deixa a desejar, uma vez que Molina ocupa o cargo de presidente executivo e presidente do conselho de administração ao mesmo tempo. O empresário prometeu deixar o cargo executivo até 1º de janeiro de 2014, o que é uma exigência das regras do Novo Mercado, nível mais elevado de governança da BM&FBovespa. Mesmo assim, os investidores têm uma visão crítica. "A companhia está longe de ser eficiente", diz Muller.

A opção do BNDES de ajudar justamente o empresário responsável por tantos problemas também está longe de agradar o mercado. Por mais deste aparente mistério, está uma explicação bastante conhecida e divulgada inúmeras vezes pelo próprio banco: a estratégia de criação de "campeões nacionais", a exemplo do que ocorreu com a Brasil Foods – fusão entre Sadia e Perdigão – e a união entre JBS e Bertin.

A injeção de recursos na Marfrig e também na concorrente JBS faz parte deste projeto, mesmo sendo sabido que